

Suave milagre

Adaptação de Pedro Bandeira de um conto de Eça de Queirós

Há dois mil anos, uma pobre viúva, a mais desgraçada das mulheres da Galileia, já envelhecida pela doença e pelas privações, vivia num casebre longe de tudo, cuidando do seu filhinho aleijado, que passava os dias gemendo entre os trapos de uma cama apodrecida.

Num lugar deserto em que só os urubus achavam carcaças para comer, aquelas pobres criaturas de Deus mal se alimentavam das poucas ervas encontradas nas fendas das rochas, que coziavam e engoliam sem sal, já que nem mais grão ou migalha sobrara naquele casebre.

Um dia, passou por ali um mendigo. Enternecido por encontrar miséria maior do que a sua, repartiu sua magra merenda com o menino e com a mãe amargurada. Depois da leve refeição, o visitante espantou-se ao descobrir que aquela mulher, isolada de tudo, não sabia da grande novidade de que só se falava em todos os cantos da Galileia:

– Pois nunca ouviste falar de Jesus? É um homem formoso, que percorre os campos e as aldeias predizendo a chegada do reino de Deus e curando todos os males humanos!

– Verdade?

– Mais do que verdade: milagre! Contaram que esse homem sarou um servo leproso! E sabes como? Somente estendendo sobre ele a sombra das suas mãos!

Com o corpo jogado na cama, o filho tentava erguer-se, para melhor ouvir aquelas notícias tão fascinantes.

– Pois, na manhã seguinte, Jesus fez mais: devolveu a vida a uma menina que havia morrido há quase um dia! Ah, mulher, esse homem surgiu como a grande esperança dos tristes. De um pão, no mesmo cesto faz aparecer sete. Dizem que ama todas as crianças, enxuga todos os prantos e promete aos pobres um grande e luminoso Reino, de abundância maior do que a corte do rei Salomão!

A mulher escutava, com olhos famintos.

– E esse homem tão doce, esperança dos tristes, onde se encontra?

O mendigo suspirou.

– Ah, quantos desejam encontrá-lo! Mas, que esperança... A fama de Jesus anda por sobre toda a Galileia, mas enxergar a claridade do seu rosto não é para qualquer um. Só uns poucos dito-

sos que o seu desejo escolhe. Já ouviste falar de Obede, o mercador?

– Sim...

– Pois Obede, tão rico, mandou seus servos procurar Jesus por toda parte. Partiram eles com a ordem de oferecer qualquer dinheiro para que esse homem milagroso viesse a sua casa. E digo-te mais: conheces Séptimo?

– O general romano?

– Esse mesmo. Poderoso e soberano, enviou seus soldados pelos campos até a costa do mar, para que buscassem Jesus e o conduzissem a sua casa. Eu, esmolando por tantas estradas, topei primeiro com os servos de Obede, depois com os legionários de Séptimo. E vi que todos voltavam, derrotados, com as sandálias aos pedaços, sem ter descoberto em que aldeia ou cidade, em que toca ou palácio, se esconde Jesus!

Ao cair da tarde, o mendigo apanhou sua mochila e partiu.

Depois de ouvir tantas maravilhas, a mãe, sentindo-se ainda mais vergada e mais abandonada, foi arranjar os andrajos que cobriam seu filho.

E então o menino pediu, num murmúrio tão débil quanto o roçar de uma asa:

– Mãe, traz para mim esse homem milagroso, que ama as criancinhas, mesmo as mais pobres, e que sara os males dos sofredores!

A mãe sacudiu a cabeça, desanimada:

– Oh, meu filho! E como queres que te deixe e me meta pelos caminhos, à procura desse homem? Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora conosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu esse homem tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este fim de mundo, para sarar um entrevadinho tão pobre?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

– Oh, mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

– Oh, meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão pobre, tão trôpega, tão triste, ninguém atenderia meu pedido e me apontaria a morada desse homem milagroso. Oh, filho! Talvez Jesus morresse... O céu o trouxe, o céu o levou. E



com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

Dentre os trapos que o cobriam, erguendo as pobres mãozinhas trêmulas, a criança murmurou:

– Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

– Aqui estou.